

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

## HISTÓRIA PÚBLICA E O SABER HISTÓRICO NAS REDES SOCIAIS<sup>1</sup>

Leandro de Araújo Crestani  
Faculdade Assis Gurgacz – FAG/Toledo  
leandrocrestani@hotmail.com

O presente estudo tem como objeto de investigação o ensino de história e seus públicos a partir do uso das Tecnologias Digitais de Informação e da Comunicação – TDICs na construção do saber histórico nas redes sociais. Logo, a nossa proposta é à difusão de conhecimento histórico, buscando uma audiência ampliada, ou seja, utilizando da história pública na perspectiva da apreensão e da produção do conhecimento histórico.

Nesta perspectiva, o objetivo é o de direcionar o diálogo histórico para o grande público presente nas redes sociais. Essa questão parece ocupar um papel de destaque na contemporaneidade quando se considera a gravidade de narrativas históricas que, mesmo se apresentando como “apolíticas”, atendem uma agenda exclusivamente política nas redes sociais.

As TDICs, marcadamente presentes no dia a dia dos educandos, dos professores e do grande público, podem se tornar uma alternativa para melhorar o processo de ensino-aprendizagem de História em sala de aula. Além disso, pode-se, também, utilizar o conhecimento produzido por alunos e professores como possibilidade de divulgação da história por meio de uma linguagem adequada para públicos que estejam fora do ambiente escolar.

Por meio da página do Facebook *História Sem Fronteira* – um dos recursos agenciados nesta pesquisa, criada em 24 de junho de 2019 com o objetivo de divulgar e compartilhar experiências e conhecimentos específicos sobre História de alunos, professores e pesquisadores para o amplo público – apresentou-se a história sob diferentes ângulos, apontando contribuições, divergências e silêncios e vislumbrando um espaço de interação entre alunos, professores e o grande público com o objetivo de fomentar a divulgação científica em uma linguagem acessível e aproximar a história acadêmica do grande público.

---

<sup>1</sup> A presente pesquisa foi realizada no estágio pós-doutoral no Programa de Pós-graduação em História Pública pela Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Partindo dessa premissa, o estudo foi conduzido com o objetivo de responder às seguintes questões: Como ensinar história em um período de tão acentuado revisionismo e negacionismo presentificados nas redes sociais? O que muda para os professores de História nesse momento em que *fake news*<sup>2</sup> e *fake history*<sup>3</sup>, teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio e negar o conhecimento histórico transmitido em sala de aula?

Esses questionamentos apontam para a necessidade de repensar o ensino de história em um contexto de ampliação de seu público para além da academia e da escola. Neste caso específico, o objetivo é o de direcionar o diálogo histórico para o grande público presente nas redes sociais. Essa questão parece ocupar um papel de destaque na contemporaneidade quando se considera a gravidade de narrativas históricas que, mesmo se apresentando com “apolíticas”, atendem uma agenda exclusivamente política, como por exemplo, os movimentos intitulados *Escola Sem Partido* e *Brasil Paralelo* e os livros da Coleção *Guia Politicamente Incorretos*.

Esses movimentos e produções bibliográficas buscam deslegitimar o trabalho dos historiadores e, principalmente, dos professores de história, como se pode constatar no livro de Leandro Narloch, *Guia Politicamente Incorreto da História do Brasil*, em que o autor incita um discurso de ataque:

[...] é hora de jogar tomates na historiografia politicamente correta. Este guia reúne histórias que vão diretamente contra ela. Só erros das vítimas e dos heróis da bondade, só virtudes dos considerados vilões. Alguém poderá dizer que se trata do mesmo esforço dos historiadores militantes, só que na direção oposta. É verdade. Quer dizer, mais ou menos. Este livro não que ser um falso estudo acadêmico, como o daqueles estudiosos, e sim uma provocação. Uma pequena coletânea de pesquisas históricas sérias, irritantes e desagradáveis, escolhidas com o objetivo de enfurecer um bom número de cidadãos (NARLOCH, 2009, p. 25).

Esse tipo de narrativa produzida para o grande público por não historiadores requer que se repense a atuação tanto de historiadores quanto de professores de história,

---

<sup>2</sup> Entende-se por *fake news* são notícias falsas divulgadas em redes sociais.

<sup>3</sup> Entende-se por *fake history* a falsificação do conhecimento histórico, a partir de revisionismo sem fundamento historiográfico.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

cujo discurso de formação e de construção do conhecimento deve extrapolar da academia para os espaços de atuação social, especialmente, como é foco deste estudo, para o ambiente virtual. Em especial, considera-se que o crescente número dessas narrativas revisionistas, embasadas em *fake news e fake history*, visam contestar a historiografia e as fontes históricas e, em decorrência, distanciar os profissionais dessas áreas da vida social, deslegitimando seu discurso.

É um tipo de narrativa que, além de estar presente no livro revisionista, conforme exemplo anterior, também aparece em sites, blogs, redes sociais e, muitas vezes, é compartilhada em grupos do aplicativo *WhatsApp*. Senão, basta considerar que narrativas como “o nazismo era de esquerda”, “nunca existiu ditadura militar no Brasil”, “a Terra é plana” foram difundidas no cotidiano por meio das mídias e apresentam campos de disputas ideológicas que os historiadores estão enfrentando, principalmente na educação básica, dado que muitos pais ou familiares reproduzem e transmitem esse conhecimento a seus filhos, fortificando-o no cotidiano educacional.

Nessa perspectiva, é de suma importância que os professores de história se apropriem de meios que promovam o diálogo entre o saber histórico e o amplo público, pois, mesmo considerando que a escola seja um espaço de produção e reprodução do saber, os educandos acabam, muitas vezes, interagindo de forma passiva com seus familiares e com a sociedade com a qual convivem.

As TDICs têm alterado as formas de se comunicar, de trabalhar, de se relacionar e de aprender. A democratização de recursos tecnológicos como computadores, notebooks, smartphones e, principalmente, a ampliação de redes sociais como o *Facebook*, os *Blogs*, os Canais do *YouTube*, o *Twitter* e os grupos de *WhatsApp* fez com que a comunicação, tradicionalmente realizada por cartas e ligações telefônicas, se modificasse, impulsionando o rápido acesso à informação e à comunicação.

Segundos os dados da pesquisa TIC Domicílios 2017, conduzida pelo Cetic.br no Brasil, houve um uso mais intenso de mídias sociais entre grupos com maior conectividade, como os usuários em áreas urbanas, os de renda mais alta, aqueles com maiores níveis de escolaridade e indivíduos de 16 a 34 anos.<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Os dados de usuários de internet, por atividades realizadas na internet – comunicação estão disponíveis em: <https://cetic.br/tics/domicilios/2017/individuos/C5/expandido> Acessado em: 19 abr. 2021.

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

De acordo com a pesquisa, do total de usuários de Internet, 77% usam redes sociais, o que, considerando o número de usuários de Internet (67% da população), resulta em um índice de 51,6% de usuários de redes sociais entre a população brasileira. Não existem dados sobre o uso específico de vídeos de streaming criados por usuários até o presente momento.

Pensar a relação das TDICs e das Redes sociais nesse contexto requer compreender a existência de atores e conexões. Ou seja, uma rede tem o seu foco em uma estrutura social, na qual não é possível deixar os atores sociais isolados de suas conexões.

Para Raquel Recuero (2020), o primeiro elemento de uma rede social são os atores, representados pelos nós (ou nodos), ou seja, pessoas envolvidas na rede que se analisa, neste caso, o Facebook: “Como partes do sistema, os atores atuam de forma moldar as estruturas sociais, através de interações e da constituição de laços sociais” (RECUERO, 2020, p. 25).

A representação dos atores funciona com a presença do “eu” no ciberespaço, ou seja, “essa individualização dessa expressão, de alguém ‘que fala’ através desse espaço, é que permite que as redes sociais sejam expressas na Internet” (RECUERO, 2020, p. 27). Logo, é preciso ser visto para existir no ciberespaço, o que demanda se constituir como parte dessa sociedade em rede.

Segundo Recuero (2020), os atores do ciberespaço podem ser compreendidos como os indivíduos que agem através de representações performáticas de si mesmos, com os seus perfis no Facebook, Instagram, TikTok e em outras redes. Os perfis dos atores são pistas de um “eu” que poderá ser percebido pelos demais, isto é, “são construções plurais de um sujeito, representando múltiplas facetas de sua identidade, através de performances” (RECUERO, 2020, p. 30).

As “conexões” de uma rede social podem ser percebidas de diversas maneiras, conforme afirma Recuero (2020, p. 30), “as conexões em uma rede social são constituídas dos laços sociais, que, por sua vez, são formados através da interação social entre os atores, [...] são as conexões o principal foco do estudo das redes sociais, pois é a sua variação que altera as estruturas desses grupos”. Em outras palavras, essas interações em redes sociais são percebidas pela interação que os atores geram com suas conexões,

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

deixando os seus rastros no ciberespaço, como um comentário em uma página do Facebook ou em uma postagem.

Essa interação leva também, a uma forma de se conectar com “pares de atores”, aqueles que compartilham dos mesmos posicionamentos, criando assim, laços sociais, que são como uma unidade básica das relações das redes sociais: “as relações não precisam ser compostas apenas de interações capazes de construir, ou acrescentar algo. Elas também podem ser conflituosas ou compreender ações que diminuam a força do laço social” (RECUERO, 2020, p. 37).

Na construção de interações nas redes sociais, deve-se perceber como os atores promovem discussões, interações e conexões sociais, desenvolvendo relações complexas de laços sociais, ou seja, não precisam ser compostas de interações capazes de construir ou acrescentar algo, podendo ser até mesmo conflituosas, independentemente de seu conteúdo. É claro que os laços sociais no ciberespaço são diferentes das interações face a face do mundo real, e essa proximidade virtual e distanciamento físico pode alterar a forma como as relações são estabelecidas.

Nas relações das redes sociais é necessário observar que a interação social pode ser de cooperação e de conflito: pode haver cooperações na propagação de pensamentos positivos ou negativos (exemplo *fake News ou fake history*), ou também conflitos que compreendem o outro como adversário. Segundo Recuero (2020), os conflitos são frequentes nas redes sociais e é muito comum que indivíduos mal-intencionados postem comentários ofensivos ou conteúdos duvidosos, além de se manifestarem de forma agressiva contra comunidade e seus moderadores, o que leva ao surgimento dos *trolls* e *haters*.

O troll pode ser definido como um engraçadinho da Internet que procura aplicar uma espécie de trote nos demais, situação que originou o conceito de “trollar”, ou seja, fazer com que alguém leve a sério aquilo que era apenas uma brincadeira. Os *trolls* “aproveitam publicações e vídeos com bastante repercussão para fazer comentários e, assim, se tornar o centro das atenções. Em linhas gerais, os trolls são pessoas desocupadas que precisam preencher seu tempo “causando” em posts alheios”.<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> UOL SEGURANÇA DIGITAL. *Trolls e haters: quem são eles e os perigos que podem apresentar* (2017). Disponível em:

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Já os haters são “os que odeiam” ou “odiadores”. De origem inglesa, esse termo é usado na internet e principalmente nas redes sociais para classificar perfis que vão até uma página para criticar e xingar: “basta emitir uma opinião política nas redes sociais para que apareçam usuários fazendo discurso de ódio e atacando as pessoas que têm opiniões diferentes – nunca seus argumentos”.<sup>6</sup>

As redes sociais têm uma grande capacidade na difusão de informação, apresentando alguns valores mais comumente relacionados à própria rede e a sua apropriação pelos atores por meio de quatro pontos: *visibilidade*, *reputação*, *popularidade* e *autoridade*, aponta Recuero (2020):

*Visibilidade*: permite aos atores sociais estarem mais conectados, aumentando as chances de receber determinados tipos de informação que estão circulando na rede e de obter suporte social quando solicitar.

*Reputação*: é compreendida como a percepção construída de alguém pelos demais atores e, portanto, implica em três elementos: o “eu” e o “outro” e a relação entre ambos. Implica diretamente no fato de que há informações sobre quem somos e o que pensamos que auxiliam outros a construir, por sua vez, suas impressões sobre nós.

*Popularidade*: é o valor relacionado à audiência, que é também facilitada nas redes sociais. Como a audiência é mais facilmente medida na rede, é possível visualizar as conexões e as referências a um indivíduo, fazendo com que sua popularidade seja mais facilmente percebida, o que também está relacionado ao número de comentários, curtidas, compartilhamentos e outros.

*Autoridade*: é o poder de influência de um nó na rede social. Não é a simples posição do nó na rede, ou mesmo, a avaliação de sua centralidade ou visibilidade. É uma medida da efetiva influência de um ator em relação à sua rede, juntamente com a percepção dos demais atores da reputação deles.

Esses quatro pontos mostram como as redes sociais alteraram de forma significativa os fluxos de informação. O surgimento da internet e principalmente da WEB 2.0 proporcionou aos sujeitos a possibilidade de difundir informações mais rapidamente e de forma mais interativa como no *Facebook*, *WhatsApp*, *Instagram*, *Twitter*, *TikTok* e

---

[https://seguranca.uol.com.br/antivirus/dicas/curiosidades/trolls\\_haters\\_quem\\_sao\\_eles\\_perigos\\_podem\\_apresentar.html#rmcl](https://seguranca.uol.com.br/antivirus/dicas/curiosidades/trolls_haters_quem_sao_eles_perigos_podem_apresentar.html#rmcl) Acessado em: 20 jan. 2020.

<sup>6</sup> Idem.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

outros, diferentemente dos meios tradicionais de comunicação, como rádio, TV e jornal impresso.

Os aspectos dinâmicos das redes sociais contribuem ainda para a percepção das alterações da rede diante dos contextos e das interações dos sujeitos que as constituem. As informações são difundidas de forma quase “epidêmica”, alcançando grandes proporções, tanto on-line quanto off-line. Outro fator é a possibilidade de que as informações que são escolhidas para divulgar e publicar sejam diretamente influenciados pela percepção de valor que poderão gerar (RECUERO, 2020).

Um dos propósitos principais desse estudo foi o de produzir e avaliar os impactos da transmissão do saber histórico por meio das redes sociais para o grande público, especificamente por meio de uma Página do Facebook, a saber, a *História Sem Fronteira* (FIGURA 1), criada com o objetivo de investigar como o público interage com o conhecimento histórico disponível nas redes sociais. Essa página está disponível em: <https://www.facebook.com/historiasemfronteira>.

FIGURA 1 - Página no Facebook *História Sem Fronteira*



Fonte: Página História Sem Fronteira (2021).

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Atualmente, o Facebook é a principal rede social, chegando a 2.8 bilhões de usuários ativos mensais no mundo e 1.84 bilhões de usuários ativos diários no Facebook em 31 de dezembro de 2020, um aumento de 12% ano a ano. A cada minuto, 400 novos usuários se cadastram no Facebook. Os usuários do Facebook geram 4 milhões de curtidas a cada minuto. Todos os dias, 35 milhões de pessoas atualizam seus status no Facebook.<sup>7</sup>

Outro fator relevante sobre essa rede social é que 60.6% dos internautas usam o Facebook, ou seja quase 2/3 terços de todos na Internet. Todo dia, 35 milhões de pessoas atualizam seus status no Facebook e os usuários gastam, em média, 58.5 minutos no Facebook todos os dias, que é acessado em média 8 vezes por dia, seguido pela Instagram 6, Twitter 5 e Facebook Messenger 3 vezes. O Facebook admitiu ter excluído 1.3 bilhão de contas falsas do (AHLGREN, 2021).

A Página *História Sem Fronteira*, criada em 2019 com o objetivo de divulgar os temas elencados anteriormente contabiliza, atualmente, 14.704 pessoas curtindo 15.038 pessoas estão seguindo. Em um breve levantamento, entre os dias de 25 de maio a 21 de junho de 2021, período de 28 dias de análise da página; as publicações alcançaram 1,178,131 pessoas (Um milhão, cento e setenta e oito mil e cento e trinta e um pessoas), tendo o engajamento com o público de 116,577 pessoas (Cento e dezesseis mil e quinhentos e setenta e sete pessoas), e já houve publicações que alcançaram 40 mil pessoas e até 1 milhão de pessoas nesse período. Contudo, esses resultados de alcance foram todos “Orgânicos”, ou seja, as publicações não foram impulsionadas através de pagamentos, como pode ser conferido na Figura 2.

FIGURA 2 – Insights da Página História Sem Fronteira entre 25 de maio a 21 de junho de 2021 (28 dias).

---

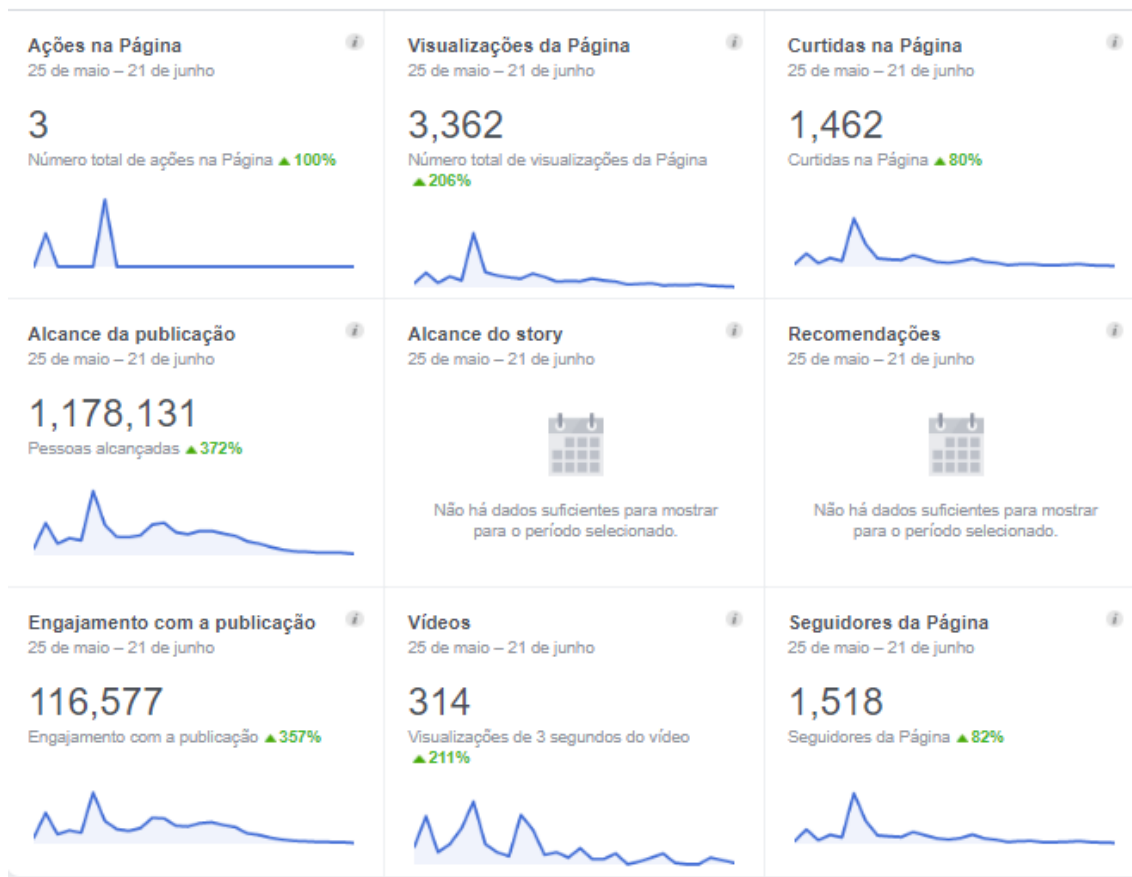
<sup>7</sup> AHLGREN, Matt. 35+ estatísticas atualizadas do Facebook (2021). Disponível em: <https://www.websitehostingrating.com/pt/facebook-statistics/#references> Acessado em: 15 de jun. 2021.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Resultados de 25 de Mai de 2021 a 21 de Jun de 2021

Observação: não inclui dados de hoje. A atividade de insights é reportada no fuso horário do Pacífico (EUA). A atividade de anúncios é reportada no fuso horário da sua conta de anúncios.

Orgânico Pago



Fonte: Página História Sem Fronteira (2021).

A página trata a história sob diferentes ângulos, apontando contribuições, divergências e silêncios e permitindo a interação entre alunos, professores e o grande público de modo a fomentar a divulgação científica por meio de uma linguagem acessível, aproximando a história acadêmica do grande público. Parte-se da concepção de que as redes sociais podem desempenhar uma função educativa de formação para o grande público e, principalmente, oferecer e contribuir com os debates históricos realizados para, com e pelo público seguidor da página.

Uma página no Facebook favorece não apenas a difusão do saber histórico, mas também o conhecimento dos processos de construção e ressignificação do passado pelo público que acompanha. Assim, a Página do *Facebook História Sem Fronteira* tem por intencionalidade ampliar a divulgação, democratizando o acesso ao conhecimento

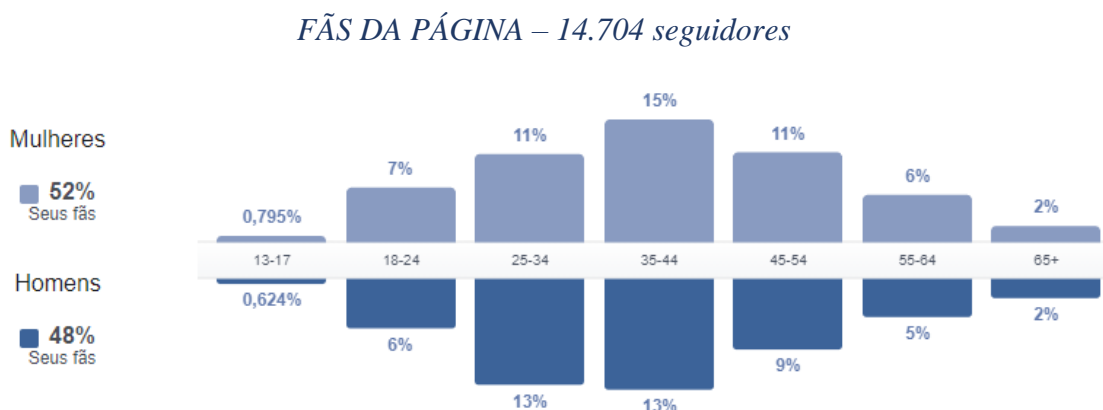
# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

histórico, produzido com rigor científico e veracidade para o grande público. Muitas vezes, no próprio *Facebook*, perfis ou páginas fazem a divulgação de *fake news* e *fake history* e a transmissão de um discurso da pós-verdade, com argumentos que se baseiam em desmoralizar os sujeitos ou até mesmo os fatos históricos.

No gráfico 1, é possível visualizar os fãs, que são as pessoas que efetivamente curtiram a sua página, denominação do próprio Facebook e o número de pessoas que viram qualquer uma das publicações pelo menos uma vez, agrupados por idade e gênero. Um fator interessante está relacionado ao fato de que quando um sujeito curte uma página no Facebook, ele automaticamente escolhe seguir os conteúdos da página. Isso significa que todas as postagens serão vistas em seus feeds, nesse caso ele é categorizado como “Fãs”. Na página em questão, há 14.704 fãs.

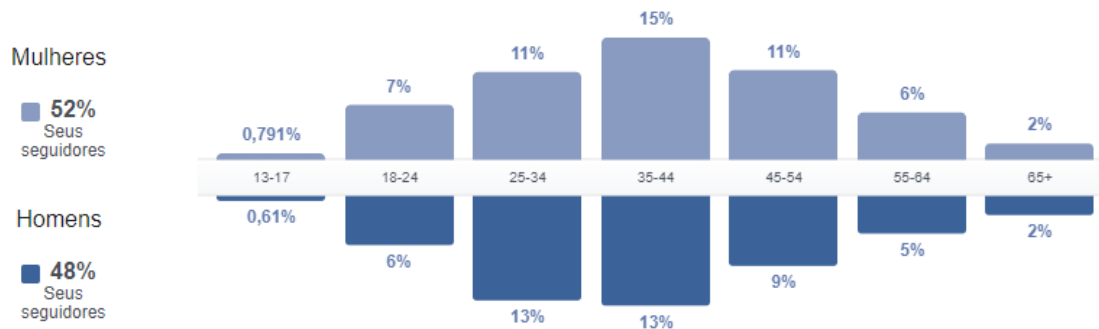
Existe uma outra categoria em que os usuários do Facebook têm a opção de seguir uma página sem apertar o botão like. Nesse caso, são apenas seguidores da página que continuaram vendo as postagens no feed de notícias. Esta opção é para aqueles indivíduos que não quiseram curtir a página, mas tem o interesse de acompanhar as postagens, nesse caso são “seguidores”. Na página em questão, há 15.038 seguidores.

GRÁFICO 1 – Fãs e Seguidores da Página no Facebook História Sem Fronteira



*SEGUIDORES DA PÁGINA – 15.038 seguidores*

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

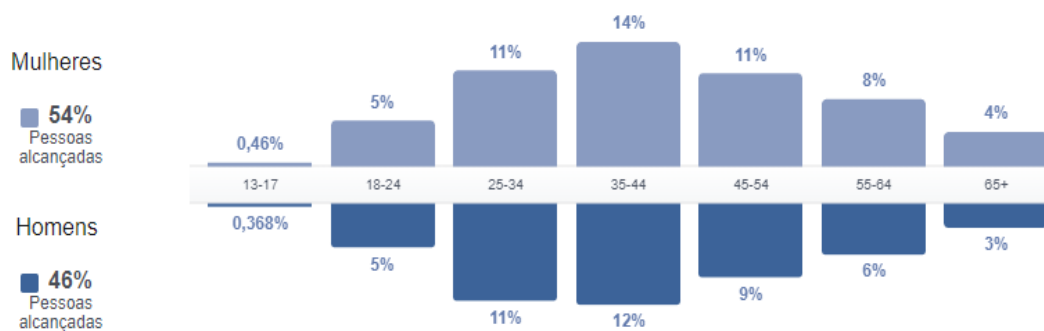


FONTE: Dados coletos da Página História Sem Fronteira em junho de 2021.

De acordo com os dados demográficos gerados pelo Facebook, entre os fãs da página e os 14.704 seguidores, 52% são mulheres e 42% homens. E a maior faixa etária é de 35 a 44 anos, sendo 15% das mulheres e homens de 35 a 44 anos, num total de 13%. Os dados demográficos dos 15.033 seguidores da página são iguais na porcentagem de fãs.

No gráfico 2, é possível visualizar as pessoas alcançadas com as publicações da página agrupadas por idade e sexo, ou seja, o número de pessoas que tiveram alguma visualização do conteúdo da página ou entraram na página mesmo não sendo seguidores. Os dados demográficos gerados pelo Facebook das pessoas alcançadas são de 54% são mulheres e 46% homens e a maior faixa etária das mulheres ficam entre 35 a 44 anos, sendo 14% e 35 a 44 anos, sendo 12%.

GRÁFICO 2 – Pessoas alcançadas pela Página no Facebook História Sem Fronteira

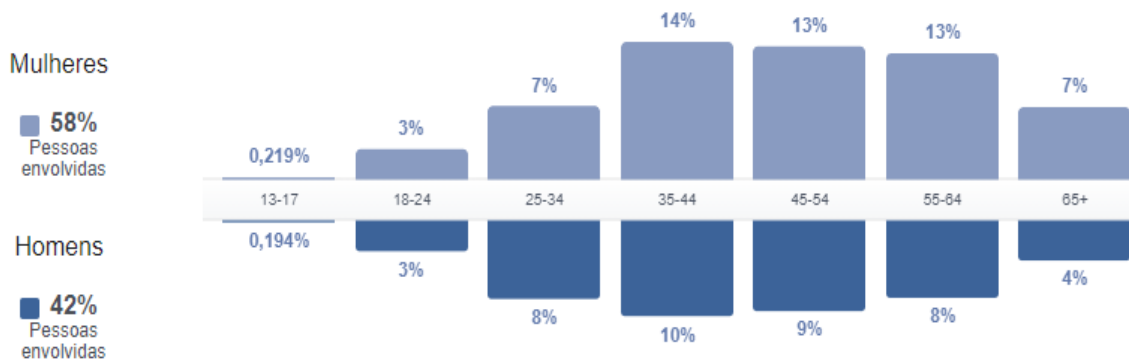


FONTE: Dados coletos da Página História Sem Fronteira em junho de 2021.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

No gráfico 3, é possível visualizar as pessoas envolvidas com as publicações da página. Ou seja, as pessoas que interagiram com os posts, que curtiram, comentaram, compartilharam as publicações ou, de certa forma, envolveram-se com a página nos últimos 28 dias. Os dados demográficos gerados pelo Facebook das pessoas envolvidas são de 58% são mulheres e 42% homens. E a maior faixa etária das mulheres ficam entre 35 a 44 anos, sendo 14% e homens de 35 a 44 anos, sendo 10%.

GRÁFICO 3 – Pessoas envolvidas com as publicações da Página no Facebook História Sem Fronteira



FONTE: Dados coletos da Página História Sem Fronteira em junho de 2021.

Nota-se que as pessoas alcançadas e envolvidas com as publicações da página, são naturalmente atraídas para o conteúdo visual do post. O público prefere consumir informações em formato visual, pois é mais atraente, e isso leva ao aumento do engajamento e melhor performance da publicação. Esse fator leva à problematização do sucesso das *fakes news* e *fake history*, dado que a característica do público das redes sociais é aquela que prefere informações visuais ao invés de textos com dados.

Como o compromisso da página é com a divulgação do saber histórico, busca-se aliar nas publicações, textos e imagens, como se observar nas figuras 3 e 4 a seguir:

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

FIGURA 3 – Publicação sobre o AI – 5

**História sem fronteira**  
19 de abril de 2020 ·

#DitaduraNuncaMais  
O que foi o AI-5?

O Ato Institucional nº 5, AI-5, baixado em 13 de dezembro de 1968, durante o governo do general Costa e Silva, foi a expressão mais acabada da ditadura militar brasileira (1964-1985). Vigorou até dezembro de 1978 e produziu um elenco de ações arbitrárias de efeitos duradouros. Definiu o momento mais duro do regime, dando poder de exceção aos governantes para punir arbitrariamente os que fossem inimigos do regime ou como tal considerados.

Conheça o AI-5 disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ait/ait-05-68.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ait/ait-05-68.htm)

## O QUE FOI O AI-5?



O Ato Institucional nº 5, AI-5, baixado em 13 de dezembro de 1968, durante o governo do general Costa e Silva, foi a expressão mais acabada da ditadura militar brasileira (1964-1985).

**Alguns pontos do AI-5:**

- 1) Congresso fechado;
- 2) Confisco de bens;
- 3) Suspensão dos direitos políticos;
- 4) Suspensos "habeas corpus" políticos;
- 5) Restabelecidas as cassações de políticos;
- 6) Proibição de atividades ou manifestação sobre; assunto de natureza política;
- 7) Liberdade vigiada.



**Obtenha mais curtidas, comentários e compartilhamentos**  
Ao turbinar esta publicação, você a mostrará para mais pessoas.

<b>136.095</b> Pessoas alcançadas	<b>16.730</b> Engajamentos	<b>Turbinar publicação</b>
302	67 comentários	1.485 compartilhamentos

## Desempenho da sua publicação

**136.095** Pessoas alcançadas

**7.422** Reações, comentários e compartilhamentos

<b>3.588</b> Curtir	<b>244</b> Na publicação	<b>3.344</b> Em compartilhamentos
<b>96</b> Amei	<b>2</b> Na publicação	<b>94</b> Em compartilhamentos
<b>29</b> Haha	<b>4</b> Na publicação	<b>25</b> Em compartilhamentos
<b>27</b> Uau	<b>3</b> Na publicação	<b>24</b> Em compartilhamentos
<b>379</b> Triste	<b>56</b> Na publicação	<b>323</b> Em compartilhamentos
<b>97</b> Grr	<b>7</b> Na publicação	<b>90</b> Em compartilhamentos
<b>1.684</b> Comentários	<b>199</b> Em uma publicação	<b>1.485</b> Em compartilhamentos
<b>1.524</b> Compartilhamentos	<b>1.485</b> De uma publicação	<b>39</b> Em compartilhamentos

**9.308** Cliques em publicações

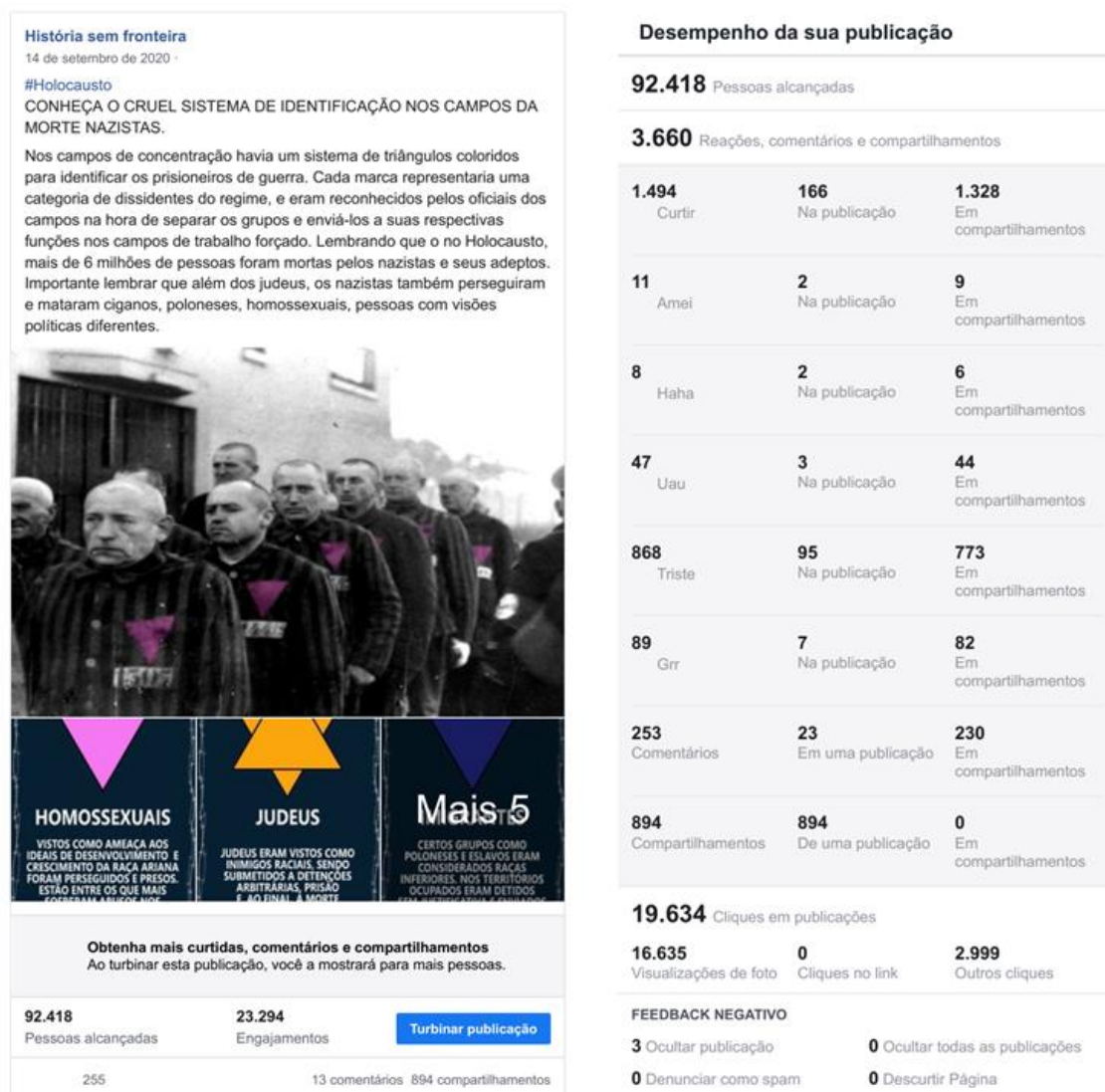
<b>2.348</b> Visualizações de foto	<b>37</b> Cliques no link	<b>6.923</b> Outros cliques
---------------------------------------	------------------------------	--------------------------------

### FEEDBACK NEGATIVO

<b>5</b> Ocultar publicação	<b>8</b> Ocultar todas as publicações
<b>0</b> Denunciar como spam	<b>0</b> Descurtir Página

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

FIGURA 4 – Publicação sobre o Sistema de Identificação nos Campos de Concentração Nazistas.



Nota-se que os *posts* normalmente apresentam o maior alcance quando se utiliza imagens (ou fotos), o que leva a crer que é uma estratégia assertiva para a divulgação do saber histórico para públicos maiores, pois muitos seguidores costumam interagir com essas publicações, tanto compartilhando em seus perfis e, até mesmo, em grupos, ou seja,

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

é uma forma de divulgação de conteúdo que tem grande aceitação entre os seguidores da página.

A opção pelo Facebook para a divulgação do saber histórico advém do fato de que nos últimos anos essa plataforma se tornou uma das principais redes sociais presentes no cotidiano das pessoas, e principalmente um local de considerável influência na opinião pública. Assim, pensar uma articulação entre o ensino de história, história pública e as TDICs, no Facebook é uma estratégia de desenvolver e fortalecer a função pública para transmissão do saber histórico.

Questionar como ensinar história nesse período de revisionismo e negacionismo nas redes sociais implica também ocupar ciberespaço, não usar uma linguagem empolada e citações estereis. A valorização do passado para além da academia democratiza o acesso ao conhecimento histórico sem perder a sua cientificidade e deve ser construída visando a formação de uma consciência histórica para um amplo público, não acadêmico.

Em tempos de *fake news*, *fake history*, teorias da conspiração e algoritmos que são utilizados para disseminar ódio e negar o conhecimento histórico transmitido em sala de aula, o ensino de história, história pública e TDICs deve ser encarado como uma forma de contribuir no processo de formação do sujeito histórico (alunos, professores e o grande público), favorecendo uma maneira de pensar e fazer a história neste contexto emergente das mídias sociais: “não apenas pelas possibilidades de linguagens e suportes variados, algo que pode favorecer o interesse pelas temáticas históricas, mas, especialmente, por abrir portas e janelas para giros na abordagem das interpretações da História” (HERMETO; FERREIRA, 2018, p. 16).

Toda essa conjuntura requer que tanto o historiador quanto os professores de História estejam presente nas redes sociais, seja no sentido de acompanhar o avanço das tecnologias, seja como território de combate pela própria defesa do saber histórico.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; MENESES, Sônia (org.) **História pública em debate: Patrimônio, educação e mediações do passado**. São Paulo: Letra e Voz, 2018.

ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (org.) **Introdução à História Pública**. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

EMPOLI, Giuliano Da. **Os engenheiros do caos**: como as fake news, as Teorias da Conspiração e os Algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e influenciar eleições. São Paulo: Vestígios, 2020.

HAHN, Fábio André. A tecnologia educacional no Ensino de História: uma proposta a partir da metodologia WebQuest. In: ESTACHESKI, A. D.; CREMA, E. **Tecendo Amanhãs**: O Ensino de História na atualidade. Sobre Ontens. Edição especial, 2015, p. 81 -91.

HAHN, Fábio André; GEOVANNI, Adaiane. **Tecnologias Educacionais no Ensino de História**: uma abordagem possível. Revista Tel, Irati, v. 8, n. 2, p.154-1762, jul/dez 2017.

HERMETO, Miriam; FERREIRA, Rodrigo Almeida (Orgs.). **História Pública e ensino de História**. São Paulo: Letra e Voz, 2021.

HERMETO, Miriam; FERREIRA, Rodrigo de Almeida. Ensino de História e História Pública: um começo de conversa. **Revista História Hoje**. Vol. 8, nº 15. Dez. pp. 5-16. 2018.

NARLOCH, Leandro. **Guia politicamente incorreto da história do Brasil**. São Paulo: Leya, 2009.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2020.

RECUERO, Raquel; BASTOS, Marco; ZAGO, Gabriela (Orgs.). **Análise de redes para mídia social**. Porto Alegre: Sulina, 2020.

RODRIGUES, Rogério Rosa; BORGES, Viviane (Orgs.). **História Pública e história do tempo presente**. São Paulo: Letra e Voz, 2021.